

Sexualidade construída: experiências de idosas em um grupo de convivência

Constructed sexuality: experiences of elderly women in an acquaintanceship group

Dyane Zimmermann Jonk

Gabriella Kusz

Gabriela Kunz Silveira

Resumo: O envelhecimento populacional tem aumentado significativamente ao longo dos anos, exigindo a constituição de políticas públicas para idosos e, portanto, novos desafios são lançados para estudos e pesquisas neste campo. Para a psicologia e outras áreas, a sexualidade é um aspecto vital durante todo o desenvolvimento humano, e por isso, também presente na velhice. Dessa forma, buscou-se compreender como mulheres idosas percebem e se relacionam com sua sexualidade e os aspectos sociais, culturais e de gênero que influenciam essa experiência. A pesquisa de campo teve como participantes idosas de um grupo de convivência e fortalecimento de vínculos, da cidade de Joinville. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a aplicação de Grupo Focal (GF) com roteiro de entrevista semiestruturada. Ao todo ocorreram três encontros. Foi identificado ponto de saturação do GF no segundo encontro, o qual foi confirmado no terceiro encontro. Ainda ao final do terceiro encontro, foi realizada uma entrevista devolutiva às participantes. Observou-se que o conceito de sexualidade para as idosas desse grupo de convivência é compreendido de forma ampliada e construído, principalmente, a partir das experiências. Além disso, suas percepções a respeito da sexualidade também estão vinculadas às suas vivências e expressões corporais, e por fim que, a construção da sexualidade, para elas, é mediada pela sua história. Diante das reflexões tecidas entendem-se como necessários estudos que contemplem os modos subjetivos das vivências sexuais com idosas, uma vez que corroboram na compreensão do sujeito em sua totalidade e ampliação dos serviços oferecidos a esta população.

Palavras-chave: Políticas públicas para idosos, velhice, sexualidade, psicologia.

Abstract: Population aging has increased significantly over the years, demanding development of public policies for elderly people and therefore new challenges are emerging for studies and research. For the psychology and different disciplines, sexuality is a vital aspect throughout human development, and therefore also present in elders. Thus, we sought to understand how elderly women notice and relate to their sexuality, and the social, cultural and gender aspects that influence this experience. The field research had their elderly participants a Coexistence and Strengthening of Bonds group, from the city of Joinville. The instrument used to collect data was applied to the Focal Group (GF) with a semi-structured interview script. Three meetings have been developed. The saturation point was found in the second meeting, and confirmed in third. At the final of third encounter, was made a feedback interview for the

participants. It was observed that the concept of sexuality for the elderly in this coexistence group is comprehended in an expanded way and constructed, mainly, from the experiences. In addition, their perceptions about sexuality are also linked to their experiences and body expressions, and finally, the construction of sexuality, for them, is mediated by their history. According to the reflections described, it is understood as necessary to have studies that contemplate the subjective modes of the sexual experiences with the elderly, since, they corroborate in the understanding of the subject in its totality and expand the services provided for this population.

Keywords: Public policies for elderly people, old age, sexuality, psychology.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2005) a expectativa é que o Brasil seja o sexto maior país do mundo em número de idosos em 2025. As pesquisas levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a evolução do grupo etário de idosos (a partir de 65 anos de idade) passará de 9,22%, em 2018, para 21,89% em 2050, resultando em aproximadamente 50.942.507 o número de idosos no país. Sendo assim, com o aumento de idosos no Brasil, é necessário ampliar os conhecimentos sobre esta população, pensar e compreender os aspectos que permeiam o seu desenvolvimento.

No Brasil, em 2003 foi instituída a Lei 10.741, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, definindo como pessoa idosa aquela tem 60 (sessenta) anos ou mais e como prioridade especial aquela maior de 80 (oitenta) anos. O documento demarca a especificidade de garantias e proteções que esta população necessita. A partir dele são definidos os deveres do Estado e da família para assegurar ao idoso os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana. O artigo 2º do Estatuto prevê a garantia de “todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade”, indicando que a legislação norteadora das políticas propostas para esta população parte de uma conceituação complexa a respeito da vida humana. Assim, considerando as ações a serem realizadas pelo poder público ou por outras iniciativas institucionais, elas deverão abarcar ofertas de

serviços e de cuidados contemplando a respectiva complexidade de necessidades das pessoas idosas.

Para a psicologia, uma pessoa passa a ser considerada idosa quando alcança 60 anos de idade, independentemente de seu estado psicológico, social, cultural e biológico. Entretanto, “o envelhecimento não é algo determinado pela idade cronológica, mas é consequência de experiências passadas, da forma como se vive e se administra a própria vida no presente e de expectativas futuras” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p.586). Dessa forma, devemos abordar a velhice em uma integração entre o contexto cultural, social e as vivências particulares de cada sujeito, lembrando que o processo de envelhecimento é uma experiência heterogênea, vivenciada como uma experiência particular. O idoso, assim como o sujeito em qualquer outra faixa etária, deve ser considerado como sujeito biopsicossocial, sendo assim, não é possível reduzi-lo a um único aspecto, caso contrário, facilmente se direcionaria à criação e reprodução de estigmas e preconceitos.

A sexualidade é um aspecto vital durante todo o desenvolvimento humano, parte integrante da identidade de qualquer sujeito, e por isso, também presente na velhice. A respeito da sua conceituação entende-se como:

Uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade. Ela integra o modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também nossa saúde física e mental (OMS, s.d *apud* FRADE, *et al.*, 2009, p. 18).

O que comumente acontece nos dias de hoje é a negação da sexualidade na população idosa, quando, no imaginário social, o idoso na maioria das vezes assume apenas o papel de “vovô” ou “vovó”, não havendo mais espaço para a temática em questão. Muito disso deve-se ao entendimento de que os fatores biológicos e fisiológicos nos idosos tornam-se deficitários. De acordo com Almeida e Lourenço (2008, p.132):

A negação da sexualidade, das manifestações amorosas e a infantilização do idoso concorrem para que eles tenham dificuldade para se tornar mais independentes, bem como para desenvolver sua sexualidade e estabelecer relacionamentos, quaisquer que sejam.

Dessa maneira, a população idosa tem grande possibilidade de enfrentar dificuldade na preservação de sua própria identidade pessoal assim como na integridade de seus papéis sociais. Enquanto a sociedade e a cultura ditam as normas e fazem seu papel de vigilância, é possível que muitos idosos internalizem aquilo que está imposto a eles. Entretanto, sexualidade nessa etapa do desenvolvimento deve ser vista como “fisiologicamente possível, emocional e afetivamente enriquecedora, porquanto fortalece a importância do carinho, do apego, a comunicação, o companheirismo e o cuidado mútuo” (URQUIZA, *et al.*, 2008, p.117 tradução de VIEIRA; COUTINHO; SARAIVA, 2016 p. 198).

A presente pesquisa foi desenvolvida na cidade de Joinville - SC e apresenta um tema relevante cientificamente e socialmente, devido ao aumento contínuo da população idosa e a necessidade de vislumbrar o idoso em toda sua identidade humana, incluindo o aspecto da sexualidade (ALENCAR *et al.*, 2014). Por isso, buscou-se compreender como mulheres idosas em um grupo de convivência percebem e se relacionam com sua sexualidade, e os aspectos sociais, culturais e de gênero que influenciam essa experiência. O grupo de idosos participante deste estudo existe há 20 anos, realiza atividades como jogos e artesanatos e dele participam tanto homens quanto mulheres. É caracterizado como um grupo comunitário, ou seja, como iniciativa da comunidade e qualifica-se como um grupo de convivência e fortalecimento de vínculos, pois é “uma forma de interação, inclusão social e uma maneira de resgatar a autonomia, de viver com dignidade dentro do âmbito de ser e estar saudável” (WICHMANN, 2013, p.823). A concepção de convivência e fortalecimento de vínculos é oriunda das políticas públicas da Assistência Social e parte do pressuposto de que ambos, convivência e fortalecimento de

vínculos, são atributos “da condição humana e da vida moderna”, e acontecem a medida que os sujeitos se relacionam (BRASIL, 2017, p.19).

PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa teve como participantes idosas de um grupo de convivência da cidade de Joinville. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois “trabalha com universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, p. 2009, p. 21). Além disso, é considerada exploratória, pois tem como finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2006, p. 27). Neste sentido, essa pesquisa proporcionou maior familiaridade com a questão problema, proporcionando uma visão geral acerca da temática pesquisada.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a aplicação de Grupo Focal (GF), que conforme Gatti (2005) permite levantar dados a partir da dinâmica interacional em um grupo de pessoas selecionadas, para discutir e comentar acerca de uma temática específica, a partir de suas experiências pessoais. Os grupos focais foram conduzidos pelas pesquisadoras, as quais desempenharam uma função mediadora entre as participantes, possibilitando a condução dos encontros sem intervenções negativas ou afirmativas. Para auxiliar na condução dos encontros, foi utilizado como instrumento um roteiro de entrevista semiestruturado, previamente criado pelas pesquisadoras e ligado aos objetivos da pesquisa (GATTI, 2005). Tendo em vista que muitos idosos têm dificuldades na aceitação da sua sexualidade nesse período, devido à ausência de informação e também a conceituação equívoca que a sexualidade esteja unicamente restrita ao ato sexual, foram realizadas atividades grupais na tentativa de proporcionar um ambiente leve e facilitador de reflexões e debates com as participantes do grupo (KITZINGER, 1994, p.103 *apud* GATTI, 2005; ALENCAR, *et al.*, 2014).

Para que se efetuasse como técnica de grupo focal foi necessário selecionar participantes, tendo sempre em vista a pergunta problema do projeto de pesquisa. Dessa forma, os participantes do grupo focal deveriam apresentar características em comum que estão associadas à temática central em estudo (TRAD, 2009). As participantes convidadas a participar do GF foram mulheres, solteiras/viúvas ou casadas/comprometidas, que participassem do grupo de convivência de idosos. Além da busca por participantes com características em comum, buscou-se abordar as questões em maior profundidade por meio da interação grupal, e, portanto, o grupo não poderia ser grande, e também não ser excessivamente pequeno. Por isso, a quantidade de participantes escolhidos poderia variar entre seis a doze pessoas (GATTI, 2005).

O campo no qual foi desenvolvida a pesquisa já era conhecido por uma das pesquisadoras, visto que foi campo de estágio curricular obrigatório no ano anterior. Essa condição facilitou o contato com o campo e por isso, o primeiro contato foi realizado via aplicativo de mensagem eletrônica com a coordenadora do grupo de convivência, que desempenhou a função de informante. Os informantes podem ser também chamados de atores-chaves e “são importantes porque ajudam a ter uma maior compreensão do cenário e da situação” (LÓPEZ, 1999, p. 49). Eles são peças fundamentais, pois têm acesso a subgrupos e pessoas que dificilmente as pesquisadoras conseguiriam ter acesso. Dessa forma, as pesquisadoras tiveram o auxílio da informante, que ficou responsável também pela seleção das participantes. Posteriormente, as pesquisadoras foram a um evento realizado pelo grupo de convivência para reforçar o convite às participantes sobre o GF.

O primeiro encontro teve a participação de 11 idosas. *A priori*, as pesquisadoras apresentaram o projeto de pesquisa e também o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, o qual foi assinado individualmente pelas participantes do GF. Os encontros foram gravados em áudio por gravadores digitais. Para esse encontro foram desenvolvidas duas atividades, sendo elas, um aquecimento nomeado de

“Qual parte você mais gosta?”, com o intuito de conhecer qual parte do corpo elas mais gostavam, e a atividade principal chamada de “A caixa vermelha” em que havia uma caixa com objetos diversos dentro, como xícaras, flor, perfume, calcinha, panfletos de DST’s, bíblia, camisinha, batom, entre outros, para que elas pudessem relacionar com sua sexualidade. No segundo encontro estiveram presentes 9 participantes. A atividade de aquecimento foi o “Contorne seu corpo”, em que elas davam significados a partes do corpo e na segunda atividade foram utilizados dispositivos imagéticos, por meio de fotografias para que falassem sobre sexualidade. O último encontro ocorrido contou com a presença de 6 participantes e foi utilizado o recurso do acróstico como disparador de discussão, em que a palavra central era convivência. As atividades grupais descritas acima foram propostas autorais das pesquisadoras.

No segundo encontro verificou-se que os assuntos trazidos por elas estavam repetitivos e a partir disso, foi realizado o terceiro encontro para confirmação do ponto de saturação do GF. De acordo com Gondim (2003) o GF finaliza quando os participantes não são mais capazes de gerar novidades em suas discussões, indicando que foi possível mapear a temática para qual a pesquisa foi dirigida. Ainda no fechamento do terceiro encontro as pesquisadoras ofereceram as participantes do grupo uma entrevista devolutiva, visto que entende-se a importância de compartilhar os achados da pesquisa com o grupo. Todos os encontros tiveram em média 1h30min e ocorreram numa sala disponibilizada pela instituição.

A metodologia de análise de dados teve como referência a análise de conteúdo. Em um primeiro momento foram realizadas leituras flutuantes do material gravado e transcrito, que permitiram conhecer os contextos e deixar fluir impressões e orientações (CAMPOS, 2004, p. 613). Essa leitura inicial foi realizada de forma individual pelas pesquisadoras, permitindo uma leitura não sistemática dos conteúdos e possibilitando a apreensão de uma forma geral das ideias principais e seus significados. Depois disso, as pesquisadoras elencaram as unidades de análise, em que os conteúdos destacados eram as falas das

participantes dos encontros. Com o intuito de manter a ética e preservar a identidade das participantes, as pesquisadoras escolheram nomes fictícios para identificação das falas:

Tabela 1 – Perfis individuais das participantes

Nome	Idade	Estado civil
Orquídea	62 anos	Casada
Jasmin	45 anos*	Casada
Cravo	60 anos	Casada
Hemerocallis	64 anos	Casada
Lavanda	63 anos	Casada
Rosa	68 anos	Casada
Margarida	66 anos	Casada
Astromélia	72 anos	Casada
Hortênci	79 anos	Casada
Tulipa	78 anos	Viúva
Girassol	67 anos	Viúva

Fonte: autoria própria. *A participante Jasmin se autodeclara idosa.

Importante ressaltar que devido a uma homogeneidade nos relatos entre as idosas nos três encontros, optou-se em analisar o grupo e não as participantes de forma isolada. Essas unidades evidenciaram um processo dinâmico e indutivo de atenção, que perpassou entre as mensagens explícitas e as significações não aparentes do contexto. As unidades foram agrupadas em três categorias conforme os temas atravessavam-se e foi levado em conta também a frequência dos assuntos dialogados e a relevância do material (CAMPOS, 2004). Para a compreensão dos resultados as categorias dividem-se em: Envelhecer com sexualidade: percepções de um conceito ampliado; O corpo da experiência; A sexualidade mediada pela história.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

ENVELHECER COM SEXUALIDADE: PERCEPÇÕES DE UM CONCEITO AMPLIADO

A sexualidade é um aspecto inerente aos sujeitos e presente desde o nascimento até a morte, diferindo apenas a forma que as pessoas experienciam a mesma (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008). Com o intuito de conhecer as noções sobre sexualidade existentes no grupo de convivência, assim como, a forma que as idosas percebem e se relacionam com sua sexualidade mostrar-se-ão as percepções, sentimentos e afetações advindas nos encontros. O conceito de sexualidade advindo desse grupo foi construído a partir dos três encontros, ou seja, ampliado durante as discussões entre as participantes.

Em um primeiro momento faz-se necessário resgatar a conceituação sobre sexualidade que, muitas vezes, é confundida em nossa sociedade apenas como um sinônimo do ato sexual. A sexualidade como componente da identidade, é explicitada na relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo e com o mundo, que influencia no modo de cada um se manifestar, sentir e comunicar. E, por isso, pode-se pensar a sexualidade como uma construção, uma possibilidade de vir a ser, compreendendo que ela vai se desenhando a partir das histórias vivenciadas pelo sujeito. Dessa forma, ultrapassa-se o ato sexual e contemplam-se outras dimensões afetivas, como o amor, o carinho, a troca de palavra, o desejo de contato, intimidade, prazer, expressão emocional, entre outros (MORAES *et al.*, 2011; SALLES, 2016).

A falácia de que a velhice é uma etapa assexuada da vida é um preconceito ainda vigente em nossa sociedade e esse tabu pode estar vinculado ao fato da diminuição ou ausência da prática sexual propriamente dita e não necessariamente a uma extinção da sexualidade, visto que entende esse conceito em outras dimensões. Nesse sentido, diferente daquilo que tantas vezes é pensado, os idosos também, assim como crianças, jovens e adultos, detêm e exercem uma sexualidade, que continua sendo fator contribuinte para o seu desenvolvimento. Apesar de a velhice oferecer algumas limitações físicas, cognitivas e sociais, esta continua sendo uma fase frutífera e possível de vivenciar a sexualidade (QUEIROZ *et al.*, 2015).

Durante os encontros, quando fora pedido a respeito da percepção das participantes sobre a própria sexualidade, emergiram em alguns momentos, comentários vinculados exclusivamente ao ato sexual e a uma possibilidade de serem assexuadas. Em um primeiro momento, quando solicitado às idosas a falarem sobre o que é sexualidade para elas, relataram que sexualidade é *“falar de sexo”*. Rosa contribui dizendo que sexualidade é *“Amor né, amor. É, se não tiver amor, nem faz né”* (Encontro 03) e Tulipa comenta que *“Os mais novos é mais sexualidade né”* (Encontro 03). No que diz respeito à assexualidade, Girassol comenta *“Não tenho sexualidade”* (Encontro 03) e Rosa relata que não ter sexualidade só é possível *“se a gente tiver sem marido, se tem marido, a gente faz né”* (Encontro 03). A partir dos relatos expostos, percebe-se que a sexualidade para algumas idosas, em determinados momentos é compreendida como ato sexual, não apreendendo a abrangência de outros aspectos que também a constituem e, por isso, o equívoco de se considerarem assexuadas.

Por outro lado, percebeu-se na maioria dos relatos, e durante a maior parte do tempo, que as idosas expunham a sexualidade numa amplitude de elementos constituintes, demonstrando assim, um caráter complexo e multifacetado, que vai além do entendimento do ato sexual. Durante o terceiro encontro, a participante Rosa expôs o termo “envelhecer com sexualidade” contemplando ao conceito as mais diversas variáveis e, então, outros relatos emergiram contribuindo a conceituação:

Mas daí acho que entra tudo o envelhecer com a sexualidade: o companheirismo, a conversa. Não precisa ser só a parte tá lá, fazendo o ato sexual. Um ajudando outro, entra o companheirismo daí, responsabilidade pelo outro [...]. (Orquídea - Encontro 03)

Se tu tem uma vaidade, um envelhecer com sexualidade (Lavanda - Encontro 03)

É sempre ser animada né para tudo. Para sair, para se vestir, pra se gostar, para o marido gostar da gente, pra os outros “ah que bonita né”. (Rosa - Encontro 03)

Nesses trechos evidenciam-se um sentido amplo do conceito, correlacionado a uma questão afetiva, que engloba, principalmente, a relação com o outro e o cuidado consigo mesmo. Catusso (2005) corrobora, nesse sentido, ao afirmar que a sexualidade em idosos está permeada por trocas de afeto, carinho, companheirismo, vaidade e o cuidado corporal.

Diante das narrativas percebeu-se também que quando as participantes falavam sobre sua sexualidade, frequentemente relacionavam à sua relação conjugal, no sentido de uma parceria, companheirismo e cuidado com o outro. Almeida e Lourenço (2008) conceituam a respeito do enamoramento na sexualidade, o qual corresponde ao envolvimento de duas pessoas, em que eles se tornam um “nós” coletivo, indicando uma fusão e dirigindo-se a uma convergência de vontades, em que um enamora o outro a partir do desejo de amar e ser amado, cuidar e ser cuidado:

Não é problema, porque dentro da sua sexualidade, entra o companheirismo. Mesmo que você não está mais afim, tanto o esposo pode não querer mais, mas ali entra o envelhecer com sexualidade. O companheirismo dos dois, pensando, conversando, podem voltar a ser companheiros só, um amigo do outro. (Orquídea - Encontro 03)

Tem a parte dos dois também. Pode envelhecer com uma amizade, com amor [...]. (Hortência - Encontro 03)

Por 27 anos eu fiz o café para ele [...] e ai de mim sem o meu marido né. Ele é o meu parceiro. Quando eu saio de casa sem ele parece que faltam minhas pernas, porque é uma parceria muito grande. Em casa quando limpamos a casa ele sempre me ajuda, mas primeiro de tudo tem que ter o cafezinho. Nós sentamos, conversamos [...]. (Margarida - Encontro 01)

Olha eu vou pegar esse aqui (foto do casal se beijando). Esse aqui acho que é o respeito entre o casal né. Não é porque estão velhinhos que tem que ficar um em um canto, outro em outro. Tem que estar sempre juntos, fazendo as coisas juntos, participando de tudo. Na alegria e na doença. Eu e o meu marido somos assim, se dói o dedo de um, dói o dedo do outro também. Não é “ah um se vira”, não. É tudo junto, a gente se cuida junto, então a gente ta envelhecendo assim. (Hortência - Encontro 02)

A questão afetiva, correlacionada ao parceiro, exposta nos relatos demonstram que a atividade sexual está colocada em um segundo plano, enfocando, de forma primordial, o companheirismo, respeito e amizade como principais atuantes nos seus relacionamentos (CATUSSO, 2005; ALMEIDA; LOURENÇO, 2008; ALENCAR *et al.*, 2014). Esse modo de vivenciar e perceber as dimensões afetivas como parte constituinte de sua sexualidade mostrou-se fundamental a elas, tanto que, quando viúvas se manifestaram relataram com pesar a ausência do parceiro:

Fiquei escutando elas falarem do cafezinho do marido e coisa e tal, e vejo a felicidade delas com o marido de ter esse carinho. Eu infelizmente (nesse momento ela chora) há 14 anos estou sozinha (silêncio na sala). Não tenho essa felicidade que elas estão tendo aí. Faz muita falta. [...] Ele fazia café para mim, eu fazia café para ele. Depende, aquele que fazia, um servia o outro. Hoje eu não tenho mais né (silêncio). Não só o café, mas ele fazia comida também. Fazia um feijão maravilhoso. Agora é tudo eu “pau para toda obra”. (Girassol - Encontro 01)

[...] Faz um ano e nove meses que o meu morreu, assim, sem a gente esperar, foi no hospital fazer uma consulta porque estava com dor no estômago e não imaginávamos que ele não voltaria para casa. E vivemos 54 anos juntos. Nunca a gente discutiu, tu dorme aqui, dorme lá. A gente sofre muito. Sinto muita falta dele. E a gente viveu 54 anos, não foram 50 dias né. (Tulipa - Encontro 01)

Os relatos denunciam que a tristeza de não ter um companheiro reflete diretamente na forma de experienciar a sexualidade, e influenciam, inclusive, na totalidade de suas vidas, pois relatam que sentem dor e saudades. Dessa forma, a partir das narrativas e também considerando aquilo que foi vivenciado em campo entre pesquisadoras e participantes do grupo focal, entendeu-se que ao partilharem sobre sua sexualidade comumente percebiam o outro, o meio e nem tanto a si. Às vezes em que elas vinculavam sua sexualidade ao prazer/desejo próprio geralmente estavam relacionados a um cuidado do corpo,

que será explicitado na próxima categoria. Entretanto, verificou-se que o que se destacou foi uma sexualidade conjugada e dependente daquilo que está fora delas, em que há necessidade do outro ou do ambiente para ser construída e vivenciada.

O CORPO DA EXPERIÊNCIA

O corpo entendido como alvo e agente da sexualidade permeou as discussões com as idosas durante os encontros e emergiram comentários de um corpo não apenas natural, mas sim, um corpo histórico e de experiências. É muito comum relacionar o corpo a uma naturalidade, ou seja, à sua ordem biológica, entretanto, o corpo não é privilégio exclusivo de nenhum campo de conhecimento, como por exemplo a biologia e a medicina. Quando o corpo é levado a uma perspectiva que contempla a história e a cultura, se abrem possibilidades à compreensão de um corpo construído, e não apenas natural. Este corpo – volume concreto – não é espontâneo e livre, mas sim, resultado de investimentos que percorrem a história e denotam uma multiplicidade de noções concretas de corpos. (PRADO; FILHO; TRISOTTO, 2008; LACHI; NAVARRO, 2012).

A partir dos disparadores que proporcionaram reflexões ao grupo sobre o corpo, pouco apareceu sobre o corpo biológico, evidenciando-se apenas a seguinte fala de Tulipa no encontro 02: *“Coração. Porque coração é que a gente mais se preocupa. Se tem um probleminha, uma dorzinha qualquer no coração, a gente já está preocupado. Porque uma vez o coração parou, não tem recurso, então eu acho assim, o que eu mais me preocupo comigo é o coração, a pressão, os batimentos [...]”*. Na fala anterior, a participante relata o significado do corpo a partir de uma relação com seu corpo fisiológico, demonstrando que para ela o funcionamento do coração merece atenção para manter-se viva.

Por outro lado, verificou-se que o corpo experienciado – corpo construído – é exposto pelo grupo na maior parte dos encontros como verificado na seguinte

narrativa: “*Eu gosto das minhas mãos, tão velhinhas, meio tortas, mas me ajudam muito. Essas mãos fazem muita coisa boa*” (Astromélia - Encontro 01). As mãos que a participante relata aqui não são referenciadas apenas como um membro constituinte do seu organismo, mas sim, mãos que contam os fazeres dela, ou seja, mãos que produzem e fazem “*coisas boas*”.

Para corroborar com o entendimento sobre essa perspectiva de corpo construído, buscaram-se em Espinosa, a partir das compreensões de Junior (2009), a respeito de corpo e mente. Rompendo com o pensamento cartesiano que propõe o dualismo mente e corpo, propõe que essas duas instâncias estão subjugadas às mesmas leis e princípios e que são expressas diferenciadamente – a mente por meio dos pensamentos e ideias e o corpo por meio das expressões e ações. A mente não é o reflexo do corpo, mas sim, a ideia/pensamento do corpo, sua compreensão e também a de outros corpos. Já o corpo é relacional, pressupõe e põe a intercorporeidade como originária e por meio dele é possível entrar em contato com a realidade exterior, ou seja, permite a interação com outros corpos (JUNIOR, 2009). Ainda pensando na lógica em que o corpo é construído no intercorpóreo, deve-se lembrar que não se reduz apenas a relação com outras pessoas, mas sim, a relação com meios sociais e culturais que corroboram para a transformação. Espinosa, sob leitura de Chauí (1995, p. 50-51), conceitua sobre o corpo que afeta, e que ao mesmo tempo é afetado:

[...] o corpo é relacional: constituído por relações internas e externas com outros corpos e por afecções, ou seja, pela capacidade de afetar outros corpos e por eles ser afetado sem se destruir, regenerando-se com eles e os regenerando.

No que diz respeito ao corpo que é relacional, o grupo de convivência narra partes dos seus corpos como suas experiências, relatando uma historicidade dos mesmos. Tais experiências evidenciam a intercorporeidade proposta por Espinosa, na leitura de Junior (2009), pensando que, as ideias construídas pelas idosas apenas são possíveis, porque seus corpos experienciaram diversas situações no decorrer de suas vidas. Dessa forma, a

mente “é pensamento dos movimentos, das mudanças, das ações e reações de seu corpo na relação com outros corpos, das mudanças no equilíbrio interno de seu corpo sob a ação das causas externas” (CHAUI, 1995, p. 56).

Durante o grupo focal (GF) foi solicitado, em determinado momento, que as participantes relatassem a parte do corpo que elas mais gostavam e também o motivo pelo qual elas gostavam dessa parte. Apareceram narrativas do corpo como:

[...] Na velhice, no envelhecimento, a gente tem cada vez mais aprendizado. E vivendo muito mais coisa, e isso é gostoso. Eu gosto muito do meu cabelo. (Margarida - Encontro 01)

Eu gosto dos meus olhos [...], e enxergo o mundo, às vezes com alegria, com tristeza, mas sempre enxergando o mundo. (Orquídea - Encontro 01)

Ao expressar o apreço pelo cabelo, a participante relaciona com o aprendizado que teve durante sua trajetória. Ao falar sobre a parte do corpo que mais gosta, Margarida apesar de não relacionar diretamente o aprendizado com o cabelo, trouxe essas duas ideias enquanto expressava sua opinião e por isso, entende-se que o cabelo não é o objeto por si só, mas sim o aprendizado que foi mediado por algo. Confirmando o pensamento espinosiano sobre mente e corpo, a participante do GF corrobora, a partir do seu discurso que, a ideia de corpo construída por ela só foi possível a partir das experiências que a afetaram. No que diz respeito à segunda narrativa percebe-se que os olhos permitem a visão de mundo frente às circunstâncias, que podem despertar na idosa sentimentos como a tristeza e alegria.

Além disso, através dos discursos das participantes, pode-se perceber a correlação das partes do corpo com a ação delas no mundo, o quanto elas afetam o exterior e o quanto também são afetadas por ele:

[...] Gosto de ajudar os outros, de fazer artesanato. Gosto de mim como eu sou. (Lavanda - Encontro 01)

As mãos pra mim é tudo né [...] eu uso para bordar, crochê [...]. (Lavanda - Encontro 02)

Olhos, gosto muito de contemplar a natureza. Gosto muito de apreciar as pessoas, gosto muito de olhar no olho do meu amigo e sentir que ele não está bem. O que eu posso estar fazendo por ele? Vejo através do olho. É muito importante para mim. (Margarida - Encontro 02)

A partir dos relatos acima, novamente, percebe-se a ênfase que elas fazem à experiência do corpo e não à característica de corpo biológico. Aqui, compreende-se que o corpo não é passivo - que só é afetado - mas sim, que de alguma forma, o corpo age frente ao meio e se constrói simultaneamente através dele. Para contribuir Junior (2009) afirma que o corpo está apto a se modificar e também modificar o meio, de tal forma que várias mudanças ocorrem tanto em sua natureza própria, quanto interfere na natureza externa. A ideia de um corpo que pode contribuir em algo, ou por alguém retorna como uma experiência satisfatória.

Ainda no que diz respeito ao corpo percebe-se um aspecto em comum às participantes – cuidar da estética do corpo – que de forma enfática era uma temática que permeou os encontros. Cabe aqui ressaltar a fala de uma participante que trouxe o termo “*remoçar*”, ao relatar a importância da maquiagem para ela. Diante das reflexões trazidas nos encontros e às afetações percebidas pelas pesquisadoras em campo, o termo *remoçar* refere-se ao retornar a beleza da juventude e não a retroceder à idade cronológica da juventude, visto que o problema não está em envelhecer em si, mas sim, de buscar a beleza da jovialidade que já não existe mais:

Como ela disse né, eu também para qualquer lugar que eu saio, gosto de passar um batonzinho. Não uso maquiagem nada, mas um batom eu gosto de passar. Não sou assim de passar muita coisa, mas uma corzinha nos lábios a gente parece que remoça. (Hortência - Encontro 01)

Eu fico pálida, nem gosto assim, eu tenho que usar. Desde os 14 anos. Um dia fui no baile com meu marido e esqueci de botar batom, daí ele fez a volta pra eu colocar [...]. Eu me sinto assim, uma rainha (muitos

risos). Pode ser que tem gente que me acha assim, exibida, prosa, mas pode chamar. Eu sou assim. Mas eu sou humilde. Se eu não ser assim, parece assim que eu vou morrer, que eu não sou mais nada, sei lá. Enquanto eu tiver saúde. (Rosa - Encontro 01)

Eu cuido do cabelo, porque o cabelo tem uma ligação muito forte em mim. Quando eu estou assim em casa, eu já marco o cabeleireiro para passar uma tinta nele, arrumar a sobrancelha, aquilo me faz um bem, fico renovada. Eu preciso. Se eu vou com dor, eu volto sem dor, sou outra pessoa. Mexer no cabelo, arrumar o cabelo, me faz muito bem, não sei o porquê, mas eu encontro isso. Faço uma faxina, volto outra pessoa. (Margarida - Encontro 01)

[...] eu não espero pra ir no banheiro, eu já vou passando na mesa, não quero saber se ta todo mundo comendo. Não falta batom pra mim, tem no espelho, na porta. (Jasmin - Encontro 01)

A qualidade dos relatos acima, tal como a frequência em que eles apareceram, denota o cuidado que as idosas têm com a estética do seu corpo. Nos discursos ficou bastante evidente o uso de maquiagem, cuidados com o cabelo e a forma que isso afeta a elas trazendo um bem-estar. A questão aqui não é o excesso – a vaidade – mas sim, preservar o corpo numa beleza aceita.

Entende-se que o homem do mundo contemporâneo está envolto de um culto ao corpo jovem como um valor a ser conquistado por meio de várias práticas. Como parte desse mundo, não se pode deixar de citar a influência da mídia na construção de corpos. Para Giddens (2002), os meios de comunicação não espelham as realidades, mas as transformam, surtindo efeitos também nos sujeitos. Dessa forma, essas novas enunciações infiltram-se também no cotidiano e na existência das idosas do grupo de convivência, que refletem em seu corpo o zelo pela estética dos mesmos. As alterações e o dinamismo da cultura produzidos na atualidade afetam as representações e práticas culturais das idosas (ORY, 2008). Retornando a leitura de Junior (2009) sobre Espinosa, em que conceitua mente como ideia de corpo, sendo o corpo instância relacional, as ideias concebidas por elas acerca do que é belo são construídas a partir da atual relação delas com o mundo contemporâneo - repleto de exigências de como fazer para serem belas.

A SEXUALIDADE MEDIADA PELA HISTÓRIA

A sexualidade, entendida não só como uma variável biológica, é construída a partir de diversos fatores e durante os encontros, foi narrado pelas participantes sobre suas histórias vinculadas a uma sexualidade vivenciada na juventude e início da fase adulta. Em um primeiro momento faz-se necessário esclarecer que a vivência da sexualidade na adolescência e início da idade adulta, nas participantes da pesquisa, deram-se nas décadas de 60 a 70 e entende-se que essas experiências as constituíram na forma de pensar e experimentar a sexualidade.

Naquela época, as mulheres eram vistas como seres passivos, em que deveriam adotar uma conduta servil, maternal, em que a posição socialmente esperada seria em um matrimônio, legitimando o sentido da procriação (GUEDES, 2010). Entende-se, portanto, que a temática sexualidade era de certa forma reprimida, visto que, era omitida e apenas possível de ser desvelada no momento em que a mulher casasse. Enquanto as idosas relatavam sobre suas histórias e as formas que suas famílias lidavam sobre a temática, Rosa diz “*Deus me livre falar sobre isso com eles (Encontro 01)*” e Orquídea contribui afirmando que “*Tudo era reprimido antigamente né (Encontro 02)*”. Fazia-se necessário resguardar-se ao homem e Figueiredo (2011) corrobora nesse pensamento ao afirmar que a virgindade apresentava-se como uma renúncia feminina ao prazer, em que era imposta a elas uma culpa ao carregarem desejos carnisais que desviassem a pureza da virgindade. Entende-se que essa repressão não se dava apenas ao impedir o ato sexual, mas sim, outras manifestações da sexualidade:

Só o fato de eu ter colocado um brinco eu levei um tapa (Margarida - Encontro 01).

Esse negócio de crescer pêlo, de namorar, de beijar, de coisas assim. Depois da minha mãe morta [...] aí meu

irmão, que já era mais vivido, que me contou porque eu não sabia nada com 14 anos (Girassol - Encontro 02).

Eu com 10 anos menstruei pela primeira vez. Eu fiquei apavorada porque para quem eu ia dizer, para quem eu ia perguntar?(Lavanda - Encontro 2).

Não que era vergonha. É que eles não queriam que as crianças soubessem, ou perguntassem como que era e da onde que vem (Orquídea - Encontro 02).

Deus me livre passar na cabeça da minha mãe e do meu pai eu saber da onde vem a criança (Margarida - Encontro 02).

Na primeira narrativa percebe-se que a participante, no desejo de satisfazer-se cuidando de sua beleza, foi reprimida por seu familiar. Já as falas seguintes denotam que as manifestações como a puberdade, as primeiras formas de relacionar-se amorosamente com o outro e a gravidez também eram reprimidas, visto que as informações eram veladas e não discutidas abertamente. Entende-se que a visibilidade do exercício da sexualidade continha em si uma possibilidade de repressão, uma vez que exercê-la livremente não era possível, pois corrompia com os lugares sociais destinados às mulheres na época.

Por outro lado, diferente das mulheres, o homem ocupava uma posição ativa, em que detinham um senso de seres servidos, de autoridade e de possuir o direito de exercer sua sexualidade (GUEDES, 2010; FERNANDES-ELOI, *et al.*, 2017). A iniciativa sexual era uma característica iminentemente masculina e, portanto, silenciada no repertório feminino na época:

Ele que tinha que tomar iniciativa sempre. [...] a minha época a gente ficava esperando. Não podia tomar iniciativa. [...] Vamos supor assim, bem no começo do namoro, você via um rapaz e você gostava daquele rapaz, mas se ele não vinha para o teu lado, você retraía. Você não podia tomar a iniciativa (Hortênci - Encontro 02).

A mulher sentava lá e o homem mostrava o serviço (Jasmin - Encontro 02).

Por isso tem um termo, que você e você já devem ter ouvido, a “posição de galinha morta” (risos) (Orquídea – Encontro 02).

A partir dos relatos acima confirma-se que havia possibilidade dos homens de expressarem, por meio das iniciativas, o desejo de prazer nas relações. Como anteriormente já citado, as mulheres, numa posição de passividade, além de reprimirem tais desejos de satisfação, também eram controladas no que diz respeito à forma pela qual elas poderiam exercer sua sexualidade na época. Isso se exemplifica quando Rosa relata que o sexo “*É para ter filho. Procriar*” (Encontro 02) e Tulipa diz que “*A mulher não podia evitar. Se ela fosse confessar que estava evitando ter filho, o padre expulsava*” (Encontro 02).

Diante das considerações realizadas pelas idosas frente à sexualidade vivenciada no passado, deve-se levar em consideração que “as histórias de vida destas mulheres são importantes para entender os modos como estas idosas encaram o processo de envelhecimento também interseccionado às suas sexualidades” (FERNANDES-ELOI, *et al.*, 2017, p. 65). Além de a historicidade influenciar as formas pelas quais elas se relacionam com a própria sexualidade, interfere também no modo como elas percebem as expressões da sexualidade na atualidade.

Quando elas partilhavam suas percepções a respeito da sexualidade na contemporaneidade e os tipos de relações que permeiam a sociedade, Girassol caracterizou como “*muito liberal*”, Jasmin disse que “*Por isso que as coisas hoje em dia são mais banais e sem valor*”, e ainda Orquídea contribui falando que “*Está uma coisa assim, muito vulgar*”. Frente aos comentários levantados durante os encontros, Guedes (2010) corrobora ao afirmar que os relacionamentos hoje podem ser caracterizados como instáveis, efêmeros e frágeis. Além disso, a contemporaneidade pode ser vista como leve e fluida, movendo-se com facilidade, assumindo qualquer forma e mostrando-se sempre pronta a novas configurações, inclusive no que diz respeito aos novos formatos de relações interpessoais. (BAUMAN, 2001; LACHI; NAVARRO, 2012). As

participantes denotam uma indignação frente a essas reconfigurações, mostrando-se deslocadas a elas e ainda pertencentes a uma lógica da sexualidade percebida, construída e vivenciada como nas décadas de 60 e 70.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento populacional tem aumentado significativamente ao longo dos anos e, portanto, novos desafios são lançados para estudos e pesquisas em diversas áreas do conhecimento. O envelhecimento não é privilégio exclusivo de nenhum campo de conhecimento. Para Mucida (2014), o discurso médico define a velhice a partir do âmbito das perdas, por isso, faz-se necessário ampliar os conhecimentos sobre a temática, visto que, o sujeito idoso e o seu desenvolvimento é perpassado por diversos aspectos, que não só biológicos e fisiológicos. Quando o idoso é percebido apenas sob a ótica biológica, por exemplo, é comum debruçar-se sobre estigmas e preconceitos, uma vez que o envelhecimento pode proporcionar declínios e perdas de funcionalidades, sejam elas motoras, sociais, cognitivas, entre outras. Dentre esses preconceitos contempla-se a possível negação da sexualidade, por esse motivo buscou-se compreender como mulheres idosas em um grupo de convivência percebem e se relacionam com sua sexualidade e os aspectos sociais, culturais e de gênero que influenciam essa experiência.

Nesse sentido, em que o idoso é considerado sujeito biopsicossocial, inserido em determinado contexto cultural e histórico, a sexualidade também está presente nessa fase do desenvolvimento e os resultados dessa pesquisa revelaram que o conceito de sexualidade para as idosas desse grupo de convivência é construído, principalmente, a partir das experiências. As participantes expunham suas percepções sobre a própria sexualidade correlacionada às vivências com o corpo, sendo elas, o cuidado com a estética e a historicidade presente nele. Além disso, relatam que os relacionamentos conjugais e familiares fazem parte da constituição de sua sexualidade. Incluem-

se também como fatores relevantes para essa construção a forma pela qual elas vivenciaram a sexualidade na juventude, que ainda reverbera nos modos de se perceberem e analisarem esse conceito na contemporaneidade.

A partir disso, observou-se a compreensão de um campo semântico em que a conceituação de sexualidade contempla uma multiplicidade de elementos prazerosos das experiências das idosas do grupo, como o carinho, companheirismo, intimidade, ato sexual, entre outros. Entende-se, portanto, que não são as alterações biológicas e fisiológicas, inerentes ao envelhecimento, que impedem a continuidade do desenvolvimento da sexualidade nessa fase da vida, visto que, este é um conceito abrangente e diversificado. No que diz respeito à sexualidade numa constante construção, não se pode deixar de citar a continuidade da busca por satisfações. Independentemente da forma pela qual elas buscam satisfazer-se, entende-se que as participantes ainda revelam uma vontade pelo prazer.

Clarice Lispector (1998, p. 55-56) em um trecho do seu conto “Ruído de Passos” corrobora na compreensão de que a sexualidade é parte integrante de todo desenvolvimento humano, inclusive que o desejo de prazer permanece independentemente da idade cronológica como na senhora chamada Cândida Raposo:

Tinha oitenta e um anos de idade. Chamava-se dona Cândida Raposo.

Essa senhora tinha a vertigem de viver. A vertigem se acentuava quando ia passar dias numa fazenda: a altitude, o verde das árvores, a chuva, tudo isso a piorava. Quando ouvia Liszt se arrepiava toda. Fora linda na juventude. E tinha vertigem quando cheirava profundamente uma rosa. Pois foi com dona Cândida Raposo que o desejo de prazer não passava. Teve enfim a grande coragem de ir a um ginecologista. E perguntou-lhe envergonhada, de cabeça baixa:

— Quando é que passa?

— Passa o quê, minha senhora?

— A coisa.

— Que coisa?

- A coisa, repetiu. O desejo de prazer, disse enfim.
— Minha senhora, lamento lhe dizer que não passa nunca.
Olhou-o espantada.
— Mas eu tenho oitenta e um anos de idade!
— Não importa, minha senhora. É até morrer.
— Mas isso é o inferno!
— É a vida, senhora Raposo [...]

Dona Cândida, na busca por uma solução em seu médico, desejava não desejar. A senhora de oitenta e um anos espantou-se que, embora não reconhecido, o desejo de prazer ainda estava nela. Visto que o prazer não se delimita a satisfação advinda do ato sexual propriamente dito, as idosas do grupo buscam satisfazer-se pelas diversas manifestações que a sexualidade possibilita, principalmente, no que diz respeito às experiências prazerosas citadas. Portanto, diante das reflexões tecidas a respeito da sexualidade percebida e vivenciada em um grupo de idosas, entendem-se como necessários os estudos que contemplem os modos subjetivos das vivências sexuais no processo de envelhecimento, uma vez que, corroboram na compreensão do idoso em sua totalidade e a ampliação de ofertas de serviços para esta população, especialmente aqueles que vão ao encontro de promover a saúde física e mental, o aperfeiçoamento intelectual e social, conforme previsto pelo Estatuto do Idoso.

Este estudo evidenciou a intersetorialidade necessária na aplicação dos serviços das políticas públicas para os idosos, pois em um grupo de convivência que se constitui fundamentado na política da Assistência Social, também se promove saúde, em especial saúde mental. Esta consideração pela complexidade do público idoso é que vai promover a garantia de que seus direitos sejam efetivados.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Danielle Lopes de. et al. Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, p. 3533-3542, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000803533>. Acesso em 12 nov. 2020.
- ALMEIDA, Thiago de; LOURENÇO, Maria Luiza. Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. **RBCEH**, Passo Fundo, v. 5, n.1, p. 130-140, jan/jun, 2008. Disponível em <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/104>>. Acesso em 12 nov.2020.
- BAUMANN, Zygmunt . **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Concepção de convivência e fortalecimento de vínculos** – Brasília, DF: MDS, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2017. Disponível em <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/concepcao_fortalecimento_vinculos.pdf>. Acesso em 12 nov. 2020.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília, set/out. 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0034-71672004000500019&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 nov. 2020.
- CATUSSO, Marilu Chaves. Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos. **Revista Virtual Textos & Contextos**, n. 4, dez, 2005. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/996>>. Acesso em 12 nov. 2020.
- CHAUÍ, M. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.
- DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FERNANDES-ELOI, Juliana. et al. Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. **Sau. & Transf. Soc.**, Florianópolis, v. 8, n.1, p. 61-71, 2017. Disponível em <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4196>>. Acesso em 12 nov. 2020.
- FIGUEIREDO, Ligia Baruch. (Dissertação). Uma revolução silenciosa: a sexualidade em mulheres maduras. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2011. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15048>>. Acesso em 12 nov. 2020.
- FRADE, Alice. Et al. **Educação sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores**. Lisboa, Portugal, 2009. (Educação Hoje).
- GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 Ed. São Paulo: Atlas, 2006
- GONDIM, Sonia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, p. 149-161, 2003. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004>. Acesso em 12 nov. 2020.
- GUEDES, Dilcio Dantas. Revisão histórica e psicossocial das ideologias das ideologias sexuais e suas expressões. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 447-493, 2010. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000200005>. Acesso em 12 nov. 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE [online] Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em 03 de outubro de 2018
- JUNIOR, Carlos Augusto Peixoto. Permanecendo no próprio ser: A potência de corpos e afetos em Espinosa. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 369-386, maio/ago, 2009. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922009000200012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 nov. 2020.
- LACHI, Poliana; NAVARRO, Pedro. O corpo moldado: corporeidade mediada e subjetiva. In TASSO, I.; NAVARRO, P., (coord.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas** [online]. Maringá, Eduem, p. 15-39, 2012.
- LISPECTOR, Clarice. **A via crucis do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 (Ruído de passos, p. 55-56).
- LÓPEZ, Graciela Lima. O método etnográfico como um paradigma científico e sua aplicação na pesquisa. **Textura**. Canoas, n.1, p.45-50, 1999. Disponível em < <https://docplayer.com.br/70951634-O-metodo-etnografico-como-um-paradigma-cientifico-e-sua-aplicacao-na-pesquisa.html>>. Acesso em 12 nov. 2020.
- MORAES, Késia Marques. Et al. Companheirismo e sexualidade de casais na melhor idade: cuidando do casal idoso. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.**, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p. 787-798, 2011. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232011000400018&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 nov. 2020.
- MUCIDA, Angela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autênciã, 2014.
- ORY, P. O corpo ordinário. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (dir.). **História do corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, v.3, p. 155-195, 2008.
- PRADO FILHO, Kleber.; TRISOTTO, Sabrina. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, jan/mar, 2008. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722008000100014&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 nov. 2020.
- QUEIROZ, Maria Amélia Crisóstomo. Et al. Representações sociais da sexualidade entre idosos. **Rev. Bras. Enferm.**, p. 662-667, jul/ago, 2015.

Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672015000400662&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 nov. 2020.

SALLES, Rádila Fabricia. Sexualidade na terceira idade: desmistificando preconceitos. In: CONGRESSO NACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO. Ed. Realize, v.1, 2016, Natal (RN). **Anais eletrônicos**. São Paulo: Fundação Educacional de Fernandópolis – FEF. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/cneh/trabalhos/TRABALHO_EV054_MD2_SA9_ID2194_10102016173823.pdf. Acesso em 30/08/2018.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, Campinas, v. 25, n. 4, p. 585-593, 2008. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013. Acesso em 12 nov. 2020.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312009000300013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 nov. 2020.

URQUIZA, A. *et al.* Sexualidad en la tercera edad. La imagen de los jóvenes universitários. **Ponto e Vírgula**, São Paulo, v.4, p. 102-118. Disponível em <http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/121679/Sexualidad_en_la_tercera_edad.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 27 dez. 2020.

VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, Evelyn Rubia de Albuquerque. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n.1, p.196-209, 2016. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932016000100196&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 nov. 2020.

WICHMANN, Francisca Maria Assmann. Et al. Grupos de convivência como suporte ao idoso na melhoria da saúde. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, p. 821-832, 2013. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-98232013000400821&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 12 nov. 2020.

World Health Organization (WHO). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

Dyane Zimmermann Jonk

Psicóloga, Faculdade Guilherme Guimbala (FGG).

Gabriella Kusz

Psicóloga, Faculdade Guilherme Guimbala (FGG).

Gabriela Kunz Silveira

Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFGRS), professora do Curso de Psicologia da Faculdade Guilherme Guimbala (FGG).
gabriela.silveira@fgg.edu.br.

Recebido em 12 de novembro de 2020.

Aceito em 9 de dezembro de 2020.